

Mailson recomenda cautela por 90 dias

BRASÍLIA — Um cenário preocupante para os próximos 90 dias que antecedem a posse do presidente eleito neste segundo turno das eleições foi traçado pelo ministro da Fazenda, Mailson Nóbrega. "Vamos conviver com 90 dias muito difíceis, em que a volatilidade das expectativas será maior. A situação é difícil e a inflação estará muito alta, sem que se caracterize um quadro de hiperinflação", declarou Mailson depois de depositar seu voto, na Universidade do Distrito Federal. Ele voltou a apelar para que já na próxima semana, antes mesmo da proclamação oficial do resultado, o candidato vencedor faça um pronunciamento tanquiliizando os agentes econômicos, transmitindo segurança de que não adotará medidas "desgastadas e fracassadas", como o congelamento de preços e salários ou "calote ou moratória" da dívida interna.

Mailson chegou às 8h30 na sua seção de votação e, para evitar poças de água, equilibrou-se sobre um pequeno muro que separa o estacionamento do gramado da universidade. Quando avistou os repórteres, brincou: "Não estou em cima do muro." Seu humor persistiu inclusive no momento em que uma economista do Ministério da Agricultura, Selma Pamplona, com voz firme indagou: "Ministro, o senhor vai *lular*, né?" Mailson deu uma sonora gargalhada, mas não revelou seu voto. "Escolhi quem representa a melhor opção para este momento porque passa o país". Não se recusou a posar várias vezes para fotos, mas deixou a sala de votação com o firme propósito de transmitir ao sucessor do presidente Sarney o conselho para que "não faça tolices".

"Espero que o novo presidente não tente a via do congelamento. É uma medida desgastada e que não surte resultados, porque o empresá-



Brasília — Antonia Márcia

Mailson: eleito deve passar tranqüilidade

riado já aprendeu a se defender", insistiu. Em seguida, sugeriu a proposta de um pacto que permita maior distribuição de renda. Embora admita sérias dificuldades para os próximos meses, não estimulou a antecipação da posse como instrumento capaz de neutralizar os problemas econômicos. "Não é necessária a antecipação da posse. Chegaremos sãos e salvos a 15 de março se o eleito for capaz de garantir tranqüilidade aos agentes econômicos."

Medidas amargas — A previsão do ministro é de que não bastará a legitimidade conferida pelas urnas. É preciso ter coragem para adotar medidas amargas, que implicarão contrariar interesses da burocracia, dos cartórios, do clientelismo e do fisiologismo. "Enfim, é preciso um presidente macho." Como exemplo de medidas amargas, citou a adoção de um choque fiscal, que implique aumento de impostos para os seg-

mentos mais favorecidos e um combate sem trégua à sonegação.

As dificuldades dos próximos meses, segundo ele, poderão ser contornadas com um pronunciamento do presidente eleito ainda na próxima semana. Outro ingrediente necessário é o anúncio da equipe econômica e do presidente do Banco Central, "o mais rápido possível". Também considera imprescindível que a nova equipe seja prudente em suas declarações. "Ninguém quer colocar fogo no país. O momento é de conciliação, embora se trabalhe com um ambiente adverso, com a aceleração inflacionária." Mailson afastou a necessidade de antecipação da posse do sucessor de Sarney e insistiu, várias vezes, em que a melhor alternativa não é a co-gestão, mas a administração das expectativas por parte da atual equipe e da próxima, através de declarações prudentes e serenas.

O ministro admite uma aceleração da inflação em dezembro. O agente desestabilizador, segundo ele, foram os boatos de que um novo congelamento seria praticado. "Os rumores podem ter induzido a remarcações." Não quis sinalizar qual poderá ser IPC deste mês e garantiu que o governo não irá rever o INPC de 48,47%, porque, como o IPC, é um indexador da economia e exige credibilidade. Reconheceu, no entanto, que a inflação está muito, muito alta, turvando a mente da população e distorcendo os preços relativos da economia, embora assegure que não se caracteriza um quadro de hiperinflação. "A hiperinflação é um processo de desordem econômica, de perda da receita tributária e da redução a praticamente a zero do salário real. Isto, definitivamente, não está acontecendo no Brasil".

O ministro insistiu que nenhuma medida de estabilização econômica será adotada, neste momento. "O governo tem que conduzir o processo econômico com prudência sem fazer marola, muito menos um tarifação." A sua avaliação é de que quanto mais próximos do poder, os candidatos e suas equipes vão ficando menos sonhadores e adquirindo um comportamento ainda mais prudente no tratamento dos sérios problemas econômicos do país.